SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXX

OUTUBRO DE 1974

N.º 354

Avulso Esc. 5$00

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A REJEIÇÃO

Por JOEL RIBEIRO

Quando o célebre professor Barnard pôs em prática há anos a sua célebre teoria da transplantação cardíaca, deu o sinal para que o chamado *homem da rua* tomasse consciência do importante fenómeno biológico denominado rejeição.

De facto, até essa altura, ainda o vulgo não se dera conta do complexo problema resultante da reacção oferecida pelo organismo contra qualquer tecido ou corpo estranho que nele seja introduzido. Este maravilhoso mecanismo, que no caso das transplantações tão inconveniente se mostrou, é nem mais nem menos que um precioso recurso que cumpre exemplarmente o seu papel de defesa sem quartel do organismo contra qualquer ameaça do exterior. Não actuasse ele e o nosso organismo ficaria à mercê de inúmeros agentes patogénicos, a que não se poderia resistir e que, portanto, acabariam, por lhe ditar a perda.

Curioso é notar que, em paralelo com este transcendente fenómeno, o comportamento dos seres animados está dotado doutras semelhantes faculdades que lhes permitem agir de forma correspondente, rejeitando o que não lhes interessa ou é prejudicial ou inútil. Por exemplo: o uso do tabaco, na fase inicial, é desagradável ao paladar e ao olfacto, sinal iniludível da sua acção deletéria.

Os eminentes sábios Julian Huxley e Wells, numas das suas obras em que tratam do comportamento dos animais, referem que ele está condicionado pelo meio onde vivem através da utilização dos órgãos sensoriais. E ilustram esta afirmação com o curioso exemplo: na natureza abunda o açúcar. Como as substâncias que contêm açúcar são, na maioria, nutritivas, nós estamos dotados de órgãos capazes de sentir o gosto dos açúcares e ainda de o achar agradável. Todavia, na natureza existem outras substâncias que, embora contenham açúcar, são venenosas, como é o caso do acetato de chumbo. Este composto é, contudo, raro na natureza em comparação com os açúcares úteis para a nossa alimentação. Fosse a substância perniciosa a que predominasse e o gosto do açúcar ser-nos-ia desagradável, pois só rejeitando o gosto doce escaparíamos de ser envenenados.

Estas considerações permitem que dêmos valor à forma como nos encontramos apetrechados para exercer os nossos juízos de selecção face às opções a que constantemente somos submetidos. As nossas escolhas são, em grande parte, determinadas pela sensação grata ou ingrata que nos é transmitida pelo agente sobre que incide a nossa apreciação. Não nos iludemos, porém. Não devemos cair na crença simplista de que tudo o que nos é útil seja forçosamente agradável. Desde a mais tenra idade que ao homem é imposto um laborioso aprendizado, feito de mil e uma experiências, muitas das quais penosas e arriscadas, cuja repetição é decerto pouco tentadora. Está neste caso a aprendizagem do andar, que sujeita a criança à execução de temerosos exercícios, isto para não falar das angustiosas provas que são as mudanças de hábitos e a adaptação a meios estranhos que o crescimento vai impondo ao bebé.

Continua na pág. 5

O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO NO ESCOTISMO

Foi estudado e discutido na Primeira Conferência Europeia Comum dos Escoteiros e das Guias

Em Reykjavik, capital da Islândia, reuniu-se de 31 de Agosto a 7 de Setembro passado, a Conferência Europeia Conjunta das Guias e dos Escoteiros, que abordou, entre outros assuntos, o actual problema da coeducação no Escotismo. Trata-se de um assunto de grande interesse e oportunidade, que prendeu a atenção de todos os presentes, entre os quais se contavam Marianne Jornée, presidente do Conselho Mundial das Guias; Johan Kromann, presidente do Conselho Escoteiro Regional Europeu, membros directivos dos dois movimentos e delegações escoteiras e guias de vinte países. Foram ainda convidados dirigentes do Escotismo e do Guidismo de outros continentes, bem como o dr. Lazslo Nagy, secretário-geral da Secretaria Mundial de Escotismo, e Patricia Pierce, executiva da Secretaria Mundial do Guidismo.

O tema principal da conferência foi: *Como o Escotismo e o Guidismo podem responder às necessidades mais urgentes da juventude europeia?* Este tema foi apresentado por Ulla Berglin, da Suécia, que chamou a atenção para a dificuldade em determinar com precisão as necessidades dos jovens.

Continua na pág. 6

Vamos discutir o sistema de patrulhas?

O Sistema de Patrulhas, fundamento de toda a educação escoteira, não é ainda suficientemente praticado em Portugal. Todos os grupos dividem, melhor, classificam os seus membros em pequenos agrupamentos que designam por patrulhas, mas essa divisão é simplesmente de organização, quando deveria ser de movimento. Institucionaliza-se, mas não se dinamiza. Ora a existência de patrulhas tem em vista promover actividade, dirigida pelos rapazes, pelos escoteiros, com inteira exclusão do adulto.

A Patrulha deve ser um núcleo fechado, com organização democrática, em que os seus membros elegem o guia, este escolhe o subguia, e todos elegem também o secretário, o tesoureiro, o guarda-de-material, o secretário do livro de patrulha. As actividades são promovidas pelos rapazes, a disciplina é por eles exercida. Certamente que muitas vezes cometem erros, que eles próprios irão corrigir para sua própria experiência. O Grupo, conjunto das patrulhas, é orientado pelo Conselho de Guias, a que o chefe preside, mas onde os rapazes têm igualmente a autoridade exercida de forma democrática. O chefe, como moderador, aconselha, orienta, sugere, avisa, mas respeita as decisões tomadas por votação. Tem o direito de veto, mas só o exerce quando grave prejuízo possa advir da deliberação tomada ou quando esta possa contrariar o Estatuto e Regulamentos Escoteiros.

Merece a pena discutir estes problemas para esclarecer pontos obscuros ou sobre os quais possa haver dúvidas. Os dirigentes escoteiros e os guias de patrulha talvez queiram expor as suas opiniões. Tal discussão será vantajosa para orientação geral.

Pois está aberto o debate. Não hesite, caro Leitor, exponha o seu pensamento, dê a sua opinião, levante o problema. Não concorda? Concorda? Diga o que pensa! Esperamos o seu depoimento.



GRUPO N.º 32 — Vizela

Este Grupo dos Escoteiros de Portugal levou a efeito nos dias 14 e 15 de Setembro uma gincana de bicicletas e uma corrida de jangadas. Os seus elementos, concorrentes a estas duas provas, obtiveram as seguintes classificações:

GINCANA DE BICICLETAS

Classe A (dos 6 aos 8 anos) — 1.º *Rui José Lima Faria;* 2.º *Manuel Joaquim Portas Sampaio;* 7.º *Luís Miguel Freitas Reis.*

Classe B (dos 9 aos 12 anos) — 1.º *António Cândido Fernandes;* 2.º *Rosa Maria Silva Marinho;* 3.º *Rui Manuel Campelos;* 10.º *Maria Cecília Silva Marinho.*

Classe C (dos 13 aos 16 anos)—1.º *José Manuel Pereira Sousa;* 2.º *Adão da Cunha Faria;* 3.º *Sérgio Alberto Padrão;* 14.º *Francisco Góis.*

CORRIDA DE JANGADAS

2.º Jangada n.º 3, pertencente à equipa «Os Vickings».

A Jangada n.º 4, pertencente a este grupo, obteve o prémio da Combatividade.

Saudamos todos os elementos do grupo n.º 32, pelas duas magníficas provas; que entusiasmaram as muitas pessoas que a elas assistiram, aplaudindo entusiasticamente a perícia dos ciclistas e dos remadores.

A comissão organizadora do grupo promete outras actividades talvez ainda com mais interesse.

GRUPO N.º 17 — Porto

Este grupo tem realizado diversas provas, entre as quais destacamos a actividade da equipa Vasco da Gama, que se deslocou à Serra de Santa Justa, em Valongo, seguindo sinais de pista previamente marcados e recolhendo espécimes minerais. As suas patrulhas participaram num jogo de observação, em diversas ruas da cidade do Porto, bem como em diversas provas de pioneirismo e observação, na Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia e nos acessos à Ponte da Arrábida.

Participou no acampamento do grupo n.º 41, na Madalena, que comemorou o 44.º aniversário, onde prestaram a sua promessa e compromisso de honra António João Fonseca Ferreira, David Duarte Fonseca Ferreira e Mário Bernardino Pereira da Costa, elementos do grupo n.º 17.

O grupo tem admitido bastantes aspirantes, que estão entregues para instrução aos diversos guias.

ACTIVIDADES REGIONAIS

O nosso Delegado no Norte não tem recebido notícias dos grupos, quer antecipadas às actividades que pretendem levar a efeito, quer posteriores às respectivas efectivações, motivo por que nada mais pode acrescentar ao noticiário que inserimos neste número.

Também nada de concreto, quanto às actividades da Direcção Regional, se noticia, pois não tem assistido, desde princípios de Julho, às costumadas reuniões regionais e os elementos de que dispõe são muito vagos.

Tentaremos concretizar os nossos desejos da publicação de notícias detalhadas no próximo «S. P.».

XVII JAMBORI NO AR

Como Adjunto do Organizador Nacional, E. C. Justino Estêvão da Silva, o nosso Delegado está a tentar dar a devida projecção, pelo menos no Porto e arredores, a esta actividade escotista, pelo que já contactou os jornais diários, bem como a Televisão e a Rádio, esperando conseguir uma boa colaboração deste órgão da informação.

No entanto, para que possa obter um bom êxito, conta, como não podia deixar de ser, com a cooperação de todos os grupos da Região Norte. — D.

Artistas escoteiros entre os vencedores do concurso «Operação Tigre»

O Fundo Mundial para a Natureza (WWF) que lançou a «Operação Tigre» destinada a salvar os 5.000 tigres vivos que existem no mundo (havia ainda 40.000 em 1930), chegou à segunda etapa da sua campanha: a impressão de selos, cuja venda recolherá os fundos necessários à protecção dos tigres. Os milhares de escoteiros e outros jovens do mundo inteiro, desenharam tigres e outras espécies em vias de extinção. 20 desenhos foram seleccionados e impressos em forma de selos. Os vencedores, de idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, são originários de 14 países, e compreendem escoteiros da Grã-Bretanha, Grécia, Japão, Nepal, Nigéria e Tailândia. As provas das folhas de selos foram enviadas pela direcção central a todos os Q. G. escotistas. Cada selo serve de «quota» para uma contribuição destinada a salvar o tigre. O preço de venda sugerido é de F. Suíços 2,50 (US$0.85; £ 0,35) cada selo, mas, bem entendido, este preço pode ser adaptado às condições locais. Cada selo contém o nome, idade e país de origem do jovem artista, as palavras «WWF Operação Tigre» e os emblemas do WWF e do escotismo mundial.

Educação pela Responsabilidade

A Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal digna-se felicitar o nosso Director pelo seu editorial publicado no número transacto sob a epígrafe *Educação pela Responsabilidade*, «dada a forma incisiva como é definido o Escotismo e a oportunidade da sua publicação».

Desvanecidos por tão honrosas palavras, agradecemos sinceramente.

AS ILHAS BAHAMAS 107.º membro da Conferência Mundial

No dia 1 de Agosto último, a Associação Escotista das Bahamas foi reconhecida como membro da Conferência Mundial do Escotismo, que conta agora um total de 107 países. No ano passado, Bahamas tornaram-se independentes e o escotismo local festejou os seus 60 anos de permanência nas ilhas. Até aqui membros associados da Associação Escotista Britânica, os escoteiros das Bahamas contam numerosas realizações no seu activo, particularmente no campo do serviço comunitário. Nas ilhas principais, há cinco distritos escotistas e, nas outras ilhas, há ainda alguns grupos. Os efectivos, em constante aumento, elevam-se actualmente a 800 rapazes.



GRUPO N.º 77 — FARO

Campo de Férias

O Campo de Férias, que a título experimental a unidade dos Escoteiros de Portugal em Faro promoveu no sítio da Arábia, com acesso à praia, apesar de ter sido decidido um pouco tarde, constituiu assinalável êxito, recomendando a sua repetição no próximo ano.

Estiveram ali acampados escoteiros do Grupo 6, de Olhão, bem como do grupo promotor, e registaram-se agradáveis visitas de muitos antigos escoteiros, amigos e simpatizantes do Movimento.

Realizaram-se alguns fogos de conselho, sendo de destacar o que se promoveu na noite de 5 de Setembro para comemorar o 61.º aniversário da A. E. P., com a presença de muitos antigos escoteiros e famílias, que tomaram parte activa na festa, especialmente com um conjunto musical constituído por alguns deles.

No domingo, dia 15, os «antigos» ofereceram um almoço a todos os acampados e animaram a festa de campo com recordações da sua juventude escoteira, tendo no final sido saudados pelo chefe do Grupo 77. — C.

GRUPO N.º 6 — OLHÃO,

Actividades realizadas no mês de Setembro

A Tribo do Grupo 6 realizou no dia 8 de Setembro, na Mata dos Eucaliptos, um mini-bivaque que principiou às 8 horas e terminou às 12,30 horas.

Disputou-se um jogo-concurso individual de provas de 3.ª e 2.ª Classes, que foi ganho pelo escoteiro da Patrulha Galo, Eduardo Gonçalves Martins.

A 22 do mesmo mês, realizou-se outra actividade de ar livre no mesmo local. Desta vez, constava do programa a prática de pioneirismo: ligações de varas e montagem de uma ponte himalaia. Quando esta ficou pronta, foi atravessada por todos os escoteiros e aspirantes presentes, tendo agradado de um modo geral.

Falecimento

No dia 8 de Setembro, faleceu em Olhão, o sr. José Simões, antigo membro da Direcção do Grupo n.º 6, assinante do «Sempre Pronto». Era pai dos antigos escoteiros do Grupo 6, srs. Fernando Gomes Simões, participante do Acampamento Internacional de Patrulhas em 1950, na Inglaterra, e Vítor Manuel Gomes Simões, participante do Acampamento Internacional de Patrulhas, em 1954, no Brasil.

À família, particularmente aos nossos camaradas antigos escoteiros, apresentamos sentidas condolências. — A. J. B.

DE QUELUZ

GRUPO N.º 23

O presidente da direcção desta unidade dos Escoteiros de Portugal, sr. capitão António Gomes Rocha, informou a direcção da A. E. P. da sua resignação daquele cargo por motivo de doença, propondo para o substituir o sr. Justino Estêvão da Silva, que foi o organizador do «23» e seu primeiro dirigente, ao qual imprimiu notável desenvolvimento e projecção na vida de todo o concelho.



Forum europeu de antigos escoteiros e guias (escoteiras)

Na informação que publicámos em Agosto acerca desta interessante actividade promovida pelos Antigos Escoteiros de Salzburgo (Áustria) não referimos, por lapso, a data da sua realização. Como então informámos, este encontro será efectuado em Grossarl — Pongau, na Áustria, 920 metros acima do nível do mar, de 25 a 31 de Janeiro do próximo ano. As inscrições encontram-se abertas até 31 de Dezembro do corrente ano.

UMA EXPERIÊNCIA DE COEDUCAÇÃO

Acampamento Nacional Dinamarquês

No Norte da Dinamarca, realizou-se recentemente um grandioso acampamento nacional no qual participaram mais de 17.000 rapazes e raparigas durante uma semana completa. A visita e observação deste grande campo nacional constituíram interessante e valiosa experiência, que os dirigentes dinamarqueses estão prontos a compartilhar com outras associações. Os interessados podem dirigir-se ao Presidente do Conselho Internacional da Associação Escoteira Dinamarquesa, sr. Paul Lassen.

Dr. Francisco Cortês Pinto

A propósito da notícia que publicámos acerca do falecimento do Dr. Cortês Pinto, mão amiga deu-nos conhecimento de que, além dos numerosos cargos que aquele antigo dirigente escotista desempenhou, foi também membro da Delegação Portuguesa da FIDAC (Fédération Internationale des Anciens Combatents).

Junta um opúsculo, publicado em 1936, com uma palestra proferida pelo Dr. Cortês Pinto no Rotary Club de Lisboa, sobre uma viagem à Polónia, onde fora participar num congresso da FIDAC. Algumas considerações feitas na palestra merecem ser aqui transcritas, o que não fazemos agora, devido às dificuldades de espaço.

Júlio dos Santos Trindade

Dirige-se-nos o nosso bom amigo Sr. Humberto Martins, solicitando a correcção da nótula biográfica da sua autoria, publicada aquando da morte do nosso antigo companheiro Sr. Júlio dos Santos Trindade.

Assim, onde se lê *«Em 1914, Trindade terminaria a sua carreira escotista»*, o ano deve ser emendado para 1917. Onde se lê *«grande colecção de quadros de diversos artistas e escolas»* o passo seguinte deve ser emendado para *«no qual tive a honra de estar representado»*.

As nossas desculpas.

O PROGRAMA ESCOTISTA—4

(Continuação dos n.os 346/347)

Por CARL A. LINSTÉN

Tendência geral dos Progamas

Em certos relatórios criticam-se os antigos programas nos quais se insistia demasiadamente no ensino das técnicas, em detrimento do desenvolvimento da personalidade e das relações humanas. Algumas das medidas adoptadas nos novos programas com o fim de modificar esse estado de coisas são discutidas na presente comunicação sob os títulos «Tipos de sistemas de patrulhas», «Tipos de chefia», «Normas», «Provas de grupo», «Factores de escolha», «Participação nas decisões», «Empreendimentos» e «Competição».

O Conselho Mundial de Programa fez saber, a propósito da direcção-geral dos trabalhos durante os cinco próximos anos, que os programas escotistas deveriam tender a incidir mais intensivamente sobre o desenvolvimento comunitário e a protecção do ambiente. A este respeito, é particularmente urgente assegurar que as actividades em crescimento empreendidas nestes domínios não fiquem vagamente ligadas a um sistema básico de programas, a título de planos temporários. É preciso, pelo contrário, que estes elementos, de novo acentuados, sejam aí integrados na sua totalidade e incorporem assim o sistema de programa de base.

Flexibilidade

«Para o nosso fundador, o programa não era uma coisa rígida e inalterável. O programa devia ser, no quadro dos princípios fundamentais, adaptado às necessidades, aos interesses e ao ambiente dos rapazes a que era destinado. Tornámo-nos demasiadamente rígidos» (*Documentos Diversos* — Canadá). «O sistema de provas é muito rígido e força todos os rapazes a passar pelas mesmas provas, qualquer que seja a sua idade, capacidade e interesses» (*Relatório do Conselho para os Planos de Amanhã* — Austrália). No Canadá, adoptaram-se as ideias de um *programa centrado* ou *centrado sobre o rapaz*, a fim de caracterizar respectivamente os antigos e novos programas. (O programa deve ser adaptado ao indivíduo e não o indivíduo ao programa!).

Uma maior flexibilidade aparece na forma menos fortemente estruturada do sistema de programas, na introdução de um maior número de factores de escolha, nas disposições que prevêem uma mais nítida participação nas decisões e na planificação do programa (veja-se acima), e na adopção, por exemplo, de qualificações locais para as provas (qualificações particulares de grupos ou exigidas pela prova de capacidade própria de um distrito). Estas disposições, e outras ainda, foram adoptadas com o fim de que se possa adaptar o programa consoante as necessidades e os desejos individuais e para que o programa seja mantido em dia em relação às tendências correntes no mundo da juventude.

Sistema de programa (provas e especialidades)

«Muitos chefes são levados a considerar a passagem de provas como o objecto principal do escotismo, ou seja, que as provas se tornaram um objectivo e não um meio. Se a passagem de provas se tornou um tema dominante, o ensino pelos adultos tende a tomar o lugar da maneira mais lenta de aprender todos em conjunto na patrulha. Todo o método sofre com isso. O escotismo torna-se um trabalho de aula em lugar de ser uma experiência de grupo de vida e de estudo em comum (*Relatório do Conselho para os Planos de Amanhã* — Austrália).

Os tradicionais aspirantes, os de primeira e de segunda classe do sistema de programas progressivos baseados em testes individuais de tipo padronizado, sem opções ou quase, foram substituídos, na maior parte dos países que normalizaram os seus programas, por uma grande variedade de sistemas destinados a corresponder às necessidades pedagógicas discutidas na presente comunicação.

Factores de escolha

A par dos esforços destinados a dar ao programa uma estrutura mais flexível e a fim de que correspondam melhor às necessidades individuais (em terminologia canadiana: *mais centradas sobre o indivíduo*), aumentou consideravelmente o número de opções, o que é um dos traços característicos dos novos sistemas de programas.

As possibilidades que oferecem de se fazer uma escolha ajudam a reforçar certos caracteres, como a independência, a capacidade de tomar iniciativas, uma atitude analítica crítica, etc., e dão à formação uma tendência democrática bem marcada.

Com o propósito de manter uma certa estabilidade e um certo equilíbrio, as opções inscrevem geralmente dentro de determinados limites, segundo, por exemplo, a seguinte fórmula:

«Responder à pergunta 1 e a duas outras perguntas, não importa quais, entre 2 e 10».

(Continua)

Trad. de Rui Fernando da Fonseca



GRÃ-BRETANHA

A orquestra escotista do contingente britânico que estará presente no Jamboree mundial a realizar na Noruega no Verão de 1975, organizou já o seu primeiro acampamento, durante o qual efectuaram numerosas sessões de prática. Os músicos foram escolhidos pela sua habilidade musical, apresentação geral e conhecimento geral das técnicas escotistas. A orquestra reunir-se-á ainda várias vezes antes de se juntar na Noruega com os outros escoteiros do contingente.

HAITI

Durante o seu 4.º Acampamento Nacional, os participantes consagraram um dia inteiro a projectos de desenvolvimento tais como a reparação duma estrada, construção dum muro e plantação de árvores de fruto. Utilizaram igualmente, pela primeira vez, gás «engarrafado» em lugar do carvão ou madeira, a fim de evitar a poluição e para reduzir o tempo de preparação das refeições.

Tradução de Maria Edite Domingos Filipe

DOS AÇORES

O Grupo N.º 52 dos Escoteiros de Portugal, esteve acampado na Ilha de São Jorge

Os rapazes do Grupo n.º 52, com sede em Angra do Heroísmo, acamparam em São Jorge em visita de estudo, com a presença de 23 membros da unidade, tendo partido para aquela ilha em 2 de Agosto e regressado em 9. O contingente foi dirigido pelos chefes Moniz Silva e Ludgero Moreira.

O campo foi estabelecido na vila das Velas, onde se desenvolveu interessante e variado programa de actividades, que muito entusiasmaram os escoteiros e despertaram o interesse



Cerimonial escotista conduzido por Moniz Silva

das populações locais. No dia 6, os escoteiros foram recebidos no Município, onde o presidente da Câmara lhes apresentou as boas-vindas e felicitou os Escoteiros de Portugal pelo seu elevado ideal. O chefe Moniz Silva agradeceu os cumprimentos e a colaboração que o presidente do Município prestara aos visitantes, saudando o povo de São Jorge. O chefe da secretaria municipal, sr. João Gabriel de Ávila, antigo escoteiro do Grupo 72 dos Escoteiros de Portugal que teve a sua sede nas Velas, fez um esboço histórico da ilha desde a sua descoberta, narração que despertou vivo interesse dos escoteiros angrenses, que visitaram depois as instalações do município na companhia do sr. presidente da Câmara. O nosso antigo companheiro e chefe da secretaria explicou aos visitantes o funcionamento dos diversos serviços.

Foi também visitado o Tribunal Judicial, cujo edifício é o mais moderno dos Açores, tendo apreciado as instalações modelares, sob a orientação do chefe da secretaria do tribunal, sr. Trajano Lopes.

No dia 7, os escoteiros fizeram em autocarro o circuito do concelho e, à noite, realizou-se no acampamento um animado fogo de conselho, muito concorrido pela população local, a quem foi dedicado. Foi o presidente da Câmara quem acendeu a fogueira. No final, o chefe da edilidade saudou os escoteiros e agradeceu as palavras que lhe tinham sido dedicadas e ao povo de São Jorge.

O Chefe Moniz Silva expressou o agradecimento dos escoteiros pelo acolhimento tão hospitaleiro da população e disse que o desejo do Grupo 52 é voltar em breve a São Jorge, proferindo uma singela quadra feita na ocasião:

S. Jorge, ilha hospitaleira,
Recebes com galhardia.
Voltamos breve à Terceira,
Esperando voltar um dia.

O fogo terminou com a Canção do Adeus e a manifestação de simpatia da população presente para com os Escoteiros.

Amigos que partem

Depois de terem cumprido as missões que os trouxeram à base das Lajes, regressaram aos Estados Unidos os dirigentes escoteiros americanos srs. J. Lafredo, Alberto Berlanga e George Kane, respectivamente escoteiro-chefe, presidente da comissão de patrocínio e chefe da alcateia no grupo 1 e alcateia 1 da unidade estabelecida na base aérea.

Estes dirigentes escoteiros sempre se distinguiram pela sua colaboração e confraternização com o Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo.

Notícias diversas do Grupo N.º 52 — Terceira

Em 31 de Julho prestou compromisso de honra o novo escoteiro José António Narciso da Rosa Figueira Pinheiro, que já tomou parte no acampamento de São Jorge.

Em 6 e 9 de Setembro o grupo acampou em Terra-Chã, lugar do Rolo, com 29 membros do Grupo, sob a orientação dos dirigentes prof. Leopoldino Tavares e Ludgero Moreira.

Tivemos o prazer de abraçar e conversar com o ECIM José Eduardo Pena Ribeiro, que se demorou algumas horas nesta ilha, no regresso dos Estados Unidos, em serviço dos Clubes do Campo da ACM, de cuja comissão administrativa é presidente. — *D.*

*

N. da R. — O chefe James V. Lafredo Jr. antes de partir para os E. U. A. endereçou ao Chefe Moniz Silva uma sentida carta de despedida, na qual faz o elogio do espírito escoteiro que sempre nele encontrou, que classificou como *um dos mais entusiastas chefes escoteiros que ele encontrou nos seus 26 anos de actividade como escoteiro e dirigente.*



Um belo conjunto dos escoteiro do Grupo 52

Grupo N.º 80 — Ponta Delgada

Durante os meses de Agosto e Setembro esta antiga unidade dos Escoteiros de Portugal promoveu diversos acampamentos na ilha de S. Miguel, em que tomaram parte 26 membros do grupo.

Um dos acampamentos foi efectuado no Pinhal da Praia do Pópulo, sob a orientação do EC. Floriberto Correia de Melo. Participaram nesta actividade 26 rapazes desta unidade.

O Grupo realizou ainda um exercício nocturno integrado num programa de competições, com o fim de treino de técnicas escoteiras. — *D.*

Do Entroncamento

O 45.º Aniversário do Grupo N.º 84

Em 17 e 18 de Agosto passado, esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou a passagem do seu aniversário, tendo promovido um acampamento, para o qual foram convidados os grupos de escutas de Almeirim, Tancos, Santarém, e o «27» da Azambuja, da AEP. Nesta actividade realizaram-se diversos concursos, entusiasticamente disputados, nos quais se distinguiram as patrulhas Leão «84», Falcão (27), e Tigre (Almeirim).

O Fogo do Conselho foi uma alegre oportunidade de convívio, tendo sido atribuído um prémio à melhor actuação, que foi ganho pela equipa de Caminheiros de Almeirim. No Domingo, os escoteiros acampados desfilaram pelas ruas da vila e assistiram à missa na igreja paroquial. O almoço foi oferecido pelo «84» a todos os rapazes.

À tarde, disputaram-se jogos e a festa de campo terminou com a *Canção de Adeus*. Participaram no acampamento cinco patrulhas: Leão e Águia (84), Águia (225) de Tancos, Tigre (404) de Almeirim, Falcão (27) de Azambuja. E ainda as equiqas «Vasco da Gama» do 84, «Cravas» de Almeirim, um escuta de Torres Novas, três de Santarém, dirigentes dos grupos representados. A actividade foi dirigida pelo chefe V. Vergamota, coadjuvado pelos chefes presentes: Touriscas (Tancos), Escudeiro (Almeirim) e Adelino Costa (27).

É de salientar o grande entusiasmo em que esta actividade decorreu e a boa camaradagem registada, que fez surgir o desejo de repetir estas jornadas. Pode-se mesmo afirmar que este acampamento constituiu um passo decisivo da vida do Grupo 84.

Esteve presente o Chefe Folgado do Grupo 84, antigos escoteiros e outros amigos da unidade.

Casamento

Em 1 de Setembro, contraíram matrimónio a Aquelá sr.ª D. Lucília da Costa Semedo com o caminheiro António Romãozinho Folgado, filho do chefe do Grupo 84, sr. Manuel de Sousa Folgado. Os escoteiros do «84» prestaram guarda-de-honra à saída da igreja local e associaram-se depois ao alegre *copo-de-água* que foi servido aos convidados.

«Sempre Pronto» apresenta aos noivos os mais sinceros votos pelas suas felicidades — V. V.

Dos amigos «Sempre Pronto»

NASCIMENTO — Os nossos estimados amigos sr.ª D. Ana Paula Delisde Ferreira e José Francisco Ferreira estão de parabéns pelo nascimento, em 3 de Julho passado, de seu primeiro filho, o engraçado Pedro Alexandre, a quem desejamos as maiores venturas. Aos felizes pais e aos nossos amigos avós paternos sr.ª D. Alice Ferreira e Adeltrude C. Ferreira apresentamos os mais sinceros parabéns.

O meu grande acampamento



PELO LOBITO ALERTA
MÁRIO CARLOS FERREIRA PEREIRA,
DO GRUPO 16

A tarde, fizemos fila, e pusemo-nos a separar os rapazes em grupos.

Quando os grupos estavam feitos, explicaram-nos o jogo.

O jogo era o seguinte: tínhamos de encontrar plantas raras, naquele campo imenso coberto de areia, e disseram-nos que a planta mais rara encontrada seria o cogumelo. Partiram os grupos, eu tinha uma ideia, a do rio.

No rio havia várias plantas. Chegámos e, depois de todos terem procurado um bocadinho, gritaram:

— Venham cá todos!

— Mário, o que é?

— Olha, aquela planta ali...

— É gira, olha... é um girassol.

Guardámos o girassol e seguimos; eu insisti que fôssemos pelo mesmo carreiro, mas eles disseram que não, porque não encontrávamos mais plantas. Mas, afinal, fomos pelo mesmo caminho, o que ganhámos com isso, porque eu, com grande sorte e com grande golpe de vista, encontrei um cogumelo!

Em breve estávamos todos a dormir, com grandes recordações do dia passado.

Um novo dia começa. Como sempre, levantei-me primeiro que todos, e arranjei-me.

Toda a alcateia andava espalhada pela floresta, andavam todos a brincar, eu primeiro estiquei as estacas das tendas, mas depois fui brincar.

Almoçámos e continuámos a brincadeira, mas para grande aborrecimento nosso, um guia aborreceu-nos, primeiro a dizer mal de nós todos, mas depois ieio o pior: vi muita gente de volta da enfermaria e perguntei:

— Quem está aí e o que aconteceu?

É o guia, o Paulo, tem um inchaço na testa.

— Como é que fez isso?

— Uma abelha mordeu-lhe na perna, perdeu as forças e caiu, mas caiu com a testa.

Fui vê-lo, e lá estava ele com um grande galo na testa. Já estava a anoitecer, parecia que era mais um dia a findar.

No dia seguinte, continuou um dia de boa disposição.

Chegou a noite, jantámos, e fomos para a rocha de conselho.

No decorrer da festa, parecia que andavam a passear ratos, no lado que depois de se andar um bocado se encontra a vedação.

Isso passou, mas de repente, dentro da tenda apareceu a aquelá Cristina a mandar-nos calar:

— Cristina, o que sucedeu?!.

— Calem-se um bocado — disse ela —.

— Então já podes dizer.

— Já, a chefe Sousa, quando foi à tenda da arrecadação, viu duas sombras, em vez de ficar calada e dirigir-se às tendas dos chefes, acendeu a lanterna e gritou:

— Quem está aí? —.

— Então, e agora, o que estão a fazer?

— Agora foram os escoteiros mais as outras aquelás, ver se os viam, mas foram com faca, porque não se sabe quem será, e agora durmam.

No dia seguinte, os guias — eu, o Vítor, o Sousa, e o Vasco — fomos ver se descobríamos alguma coisa.

De repente gritaram:

— Olhem aqui estas pegadas.

E de facto, lá estavam umas pegadas, que iam até à cerca depois de um buraco debaixo da cerca, onde tínhamos suposto que tivessem passado, e dava para a FNAT.

Almoçámos e passámos o resto da tarde a falar sobre o assunto.

A noite, depois de jantar, não fizemos o fogo de conselho, porque o tempo mostrava-se feio.

Cerca da 1 hora da manhã acordaram-me. Quem era? era o que estava ao meu lado, o Pedro, e disse-me assim:

— Não ouves estes pingos de chuva tão fortes?

— Deixa lá, isto é granizo.

— Bem então vamos ver, deixa-te estar alerta.

Mas eu, com o sono, deixei-me dormir. Tornaram-me a acordar.

— Olha, estás a ver aqueles, ali ao canto, já se estão a levantar, daquele lado já entrou a chuva.

— Ainda bem que eu me resolvi mudar hoje do meu canto de vigilância, para um canto de saída.

Todos nos pusemos de pé, a nossa chefe andava à chuva a recolher as mochilas. Veio um chefe ajudar-nos, trouxe o carro, e fomos 3 a 3 debaixo de um plástico e cada um com todas as suas coisas nos braços, e íamos descalços porque senão molhávamos os ténis.

Fomos para uma casa de cimento, que era a arrecadação.

No outro dia fomos arranjar as nossas mochilas, limpá-las, secá-las e arrumá-las.

Almoçámos e, de tarde, jogos. Começaram a chegar muitas visitas.

À tardinha, que foi o que eu não gostei, e fiquei descontente, fizeram, as visitas, dum acampamento de lobitos, um parque de diversões, dos grandes. No dia seguinte chegaram outros grupos, e acamparam ali perto.

Naquela emoção eu pensei novamente:

— (Eu acho que quase todos os rapazes da minha idade, deviam entrar para o escotismo, porque aqui aprende-se tudo o que se deve fazer bem, e descobre-se o que se faz mal, ganhamos, aqui, um espírito de convívio, amizade, compreensão e força de vontade. Ontem, sexta-feira, veio o Padre António celebrar missa campal, nós todos gostámos muito da presença do Sr. Padre, aqui não existem preconceitos de religião, não há distinção entre cores, por isso nos chamamos A. E. P. — Associação dos Escoteiros de Portugal.

À tarde, fizemos jogos com outros grupos; e entre muitos jogos, vencedores, o 16.

À tarde, chegaram umas visitas alegres, os meus tios, a avó, os pais. Fui-lhes apresentar o campo.

Depois daquele alegre momento, fomos jantar, e a seguir fomos para as tendas, só a pensar que no dia a seguir íamo-nos embora. Não nos apetecia que o dia de amanhã surgisse.

Mas surgiu, por acaso com um sol brilhante. Fizemos toda a manhã jogos com os outros grupos, almoçámos e fomos para a rocha de conselho, onde nos foram dados jogos: havia uma feira e nós tínhamos de ter chefes de família, e o resto — eu fui chefe de uma.

Na despedida, cantámos uma canção à chefe. A chefe, de tão contente, começou a chorar, depois as famílias que ali estavam à volta.

Eu acho que a chefe neste acampamento foi extraordinária.

Quando já estava tudo preparado, fomos de regresso.

Quando chegámos tive uma grande surpresa: umas visitas do Norte a que pertencia um amigo meu há cinco anos.

Fui para casa muito emocionado e relatei tudo à minha família.

Mário Carlos Ferreira Pereira

A REJEIÇÃO

Continuação da pág. 1

Noutras ocasiões, também a utilização dos órgãos de selecção não actua da melhor maneira, isto porque as nossas faculdades de selecção se encontram embotadas, quer pela apatia que tenta a todo o transe impor-nos o seu domínio, quer pela atracção exercida por agentes de natureza perniciosa. Todavia, isto não invalida o papel por esses órgãos desempenhado. Cumpre ao educador estar atento para prevenir ou emendar as inclinações quando estas se revelem inconvenientes.

Na forma como actua em face deste binário de influências — contenção das propensões nocivas ou inúteis e acentuação das que são positivas — é que se define a destreza e a eficiência, ou a inépcia, de quem assume a responsabilidade da acção educativa.

Estas considerações vêm lembrar uma interrogação que julgamos pertinente e oportuna: que se está fazendo agora, entre nós, no nosso movimento, quanto à obra educativa que se pretende desenvolver entre a juventude? Usando a expressiva imagem empregada por B.-P., perguntemos se estão os nossos chefes a utilizar o *isco* apropriado para captar a mocidade e a conduzir pelos caminhos da generosidade, do civismo, da boa acção, da autoconfiança, enfim, desse conjunto de factores que podem transformar o jovem num verdadeiro homem de boa vontade? Terá a actividade das nossas unidades escotistas aquele cunho de aventura, de ideal, de efectiva experiência de companheirismo, ou revelará velhos defeitos, causadores da ancilose do movimento, tais como o marasmo, a paralisia, as actividades decalcadas monotonamente umas sobres as outras?

Não nos admiremos que os jovens, ao toparem com um escotismo falho de inspiração, de encanto, acabem por rejeitá-lo. Trata-se de alimento insípido e inodoro, desprovido dos elementos nutrientes tão caros ao seu espírito, ávido de experiências frutuosas. Atitude natural, também aqui é o admirável mecanismo da rejeição que actua e que defende os jovens de algo que lhes é realmente estranho e inútil.

Atravessamos um momento em que, em Portugal, o escotismo tem rara oportunidade de demonstrar a eficácia da sua acção como método educativo. Necessário se torna, porém, que ele, rejeitando a apagada e vil tristeza da mediania, dê uma resposta concreta e decisiva ao desafio que lhe é feito.

CRISE

«Sempre Pronto» inseriu no seu número de Agosto um artigo do nosso estimado amigo e colaborador sr. dr. F Meira Ramos, que teceu diversas e oportunas considerações acerca do momento que atravessa o Corpo Nacional de Escutas. A respeito dessas considerações, recebemos do nosso amigo e dedicado dirigente do C. N. E sr. Tarcílio Rodrigues, com o pedido de publicação, uma nótula que a seguir oferecemos aos nossos leitores.

Não nos interessando estabelecer um despique tão ao gosto de alguma imprensa provinciana e sentindo a responsabilidade que é escrever para ser lido por outros, vimos fazer uns, quanto possível breves, reparos ao artigo que, com este mesmo título, foi escrito pelo Dr. F. de Meira Ramos.

Há quatro anos consecutivos que a Junta Regional de Lisboa do C. N. E. distribui a sua informação, condensando-a mensalmente sob o título de «Contacto», não enjeitando nós a responsabilidade que nos cabe nesta iniciativa, incluindo a redacção dos dois «pontos» que serviram de base às considerações expressas naquele artigo.

O «Contacto» não é um panfleto — folha de divulgação ocasional e indiscrimidada — mas correspondência que consideramos privada, por ser enviado directa e exclusivamente aos Dirigentes de «Lisboa» do C. N. E.

Por ter essa caracterisca, não se destina primariamente à divulgação que lhe foi dada pelo Dr. F. de Meira Ramos, para que, por ignorância ou malícia. não se situem os textos fora dos respectivos contextos, como aconteceu neste caso.

Portanto, uma informação regular, prestando contas da nossa actuação como Dirigentes Regionais, será «sintoma de crise», de que «as coisas não correm bem»?

Afirma-se que eleger um chefe regional «é transformar a Região numa associação separada da hierarquia escotista».

Vamos tentar explicar: em 1972, o Conselho Nacional do C N. E. aprovou novos estatutos, consagrando o princípio de eleição da sua Junta Central.

A Junta Regional de Lisboa entendeu que deveria adoptar o mesmo espírito democrático que o C. N. aprovara.

Reuniu em Conselho com todos os seus Dirigentes e elaborou um processo eleitoral que, depois de aprovado pela Junta Central, foi posto em execução.

Existe, sim, um Chefe Regional nomeado pela Junta Central, respeitando a opinião dos Dirigentes da sua Região, que votaram nele e no programa de acção que ele apresentou.

Onde estará o separatismo, a cisão?

Teve, antes, o Chefe Regional de Lisboa a coragem de entrar pelo caminho prático da democracia, e o «25 de Abril» ainda vinha longe.

Em relação ao Conselho Nacional de 7 de Julho, temos de esclarecer que a Junta Central não foi demitida, nem pressionada a fazê-lo.

Considerar-se demissionária por sua exclusiva iniciativa, apresentar a demissão ou ser pressionada a fazê-lo, são coisas muito distintas.

Quanto à forma como os trabalhos decorreram, com assuntos tão importantes em debate e um leque de opiniões tão diverso, natural é que déssemos uma visão resumida e emotiva, mas capaz de ser entendida por quem está dentro dos assuntos.

O Dr. F. de Meira Ramos mostra não estar plenamente a par deles, e parece não se recordar dos Conselhos Nacionais em que participou.

Até gostaríamos de lhe deixar duas interrogações:

1.ª — Porque não referiu as resoluções finais do Conselho Nacional, e muito concretamente a nomeação de uma Comissão Executiva e do seu programa?

Será porque deste programa sairá a necessária reestruturação, dando-se audiência a todos os Dirigentes da Associação?

2.ª — Se fosse ainda o Chefe Regional do Porto do C. N. E., teria a iniciativa de pôr o seu cargo em votação, como foi feito, agora, em Lisboa?

* * *

Concluindo:

Rectificando ideias incorrectas a respeito daquilo que escrevemos, esperamos ter ajudado os leitores do «Sempre Pronto» a formar um juízo mais perfeito.

Quanto ao Dr. F. de Meira Ramos, quando «apenas são dignas de respeito as opiniões dos sacerdotes e dos advogados», não duvidamos de que não seremos compreendidos.

Tarcílio Rodrigues
(profissional de escritório)
ex-Secretário Regional de Lisboa do C. N. E.

O Problema da Coeducação no Escotismo

Continuação da pág. 1

A Coeducação

O Director adjunto da Formação de Chefes em Gilwell Park, Tom Wylie, começou por assegurar à Conferência que não era sua intenção dizer aos presentes o que deviam acreditar nem tão-pouco como organizar as suas associações, mas antes proporcionar oportunidade de reflectir. O orador citou as actuais condições de educação que deram aos homens e mulheres iguais oportunidades e disse que uma investigação sobre a medida na qual os jovens escoteiros consideram o Escotismo e o Guidismo compatíveis com o seu estilo de vida seria coisa preciosa.

A discussão do problema da coeducação provou que se não podia chegar a conclusões, porque parecia quase impossível apreciar o assunto racionalmente. É essencial aproveitar a experiência daqueles que estão já comprometidos, mas com a reserva de que os resultados devem ser apreciados de maneira realista. Neste momento, a interpretação foi definida ao nível material e de organização, por razões de cooperação e não de coeducação. O orador sublinhou que a coeducação é um método e não um fim em si mesmo.

Diversos delegados forneceram interessantes informações acerca das experiências feitas nas suas associações. Foram expressas diversas opiniões a favor e contra a proposta da coeducação no Escotismo e Guidismo, mas o termo «cooperação» pareceu o mais aceitável. Diversos delegados aconselharam prudência e sugeriram que todo o desenvolvimento coeducacional deveria ter uma evolução natural. Os delegados das associações que realizaram já a junção dos dois movimentos deram entusiástico apoio às suas ideias e apresentaram provas da sua posição.

No final, a Conferência recomendou que a investigação científica do problema fosse encorajada pelos dois conselhos europeus em conjunto com as associações já amalgamadas assim como com aquelas que têm a intenção de continuar separadas. A formação de chefes e a formação de formadores neste domínio foram considerados como assuntos da maior importância.

Podemos nós concluir que o estudo do assunto a tão alto nível não difere muito das conclusões a que, entre nós, os dirigentes mais experientes têm chegado, onde a prudência e a observação têm estado presentes.

À LAIA DE GAZETILHA

Falando sobre touradas,
«nada é nosso», diz alguém?
As palavras mencionadas
não no provam muito bem:
sempre há termos portugueses
que por lá se usam às vezes;
«moço do curro», «forcados»
o touro, as «chocas», os «ferros».
E alguém, com termos azados,
diz se a lida vai sem erros.

Em meio de tanta gente...
só há um «inteligente»!

E. M.

Conferência escoteira europeia — 1974

Esta Conferência reuniu também em Reykjavik, capital da Islândia, tendo feito interessantes recomendações ao Conselho Executivo para a Europa, das quais destacamos aquelas que mais possam interessar aos nossos leitores.

Foi recomendado que se realize um seminário sobre coeducação antes da próxima conferência europeia.

O problema das drogas reteve a atenção da conferência deste ano. O termo *droga* deve ser aplicado a toda a substância susceptível de constituir sério problema social ou de saúde pública, quando utilizado abusivamente. Foi afirmado que deve ser feito o maior esforço pelos meios de educação e outros para esclarecer os jovens dos factos referentes à auto-administração e abuso de agentes potencialmente perigosos. A Conferência reconheceu que o aumento dos problemas ligados a este assunto afectam os jovens e presentemente constituem um problema maior de saúde pública na Europa.

Foram também estudados problemas relacionados com o auxílio aos desfavorecidos (países em vias de desenvolvimento; marginais; imigrados); desenvolvimento de relações de amizade e compreensão com a juventude dos países do leste da Europa; relações exteriores do Escotismo ao nível europeu, nacional e local, organização de seminários e outros.

A Conferência recomenda instantemente que os intervalos entre as Conferências Escoteiras Mundiais sejam aumentados de 2 para 3 anos, pedindo ao Conselho Executivo Regional que proponha para este efeito as emendas aos estatutos na Conferência Escoteira Mundial de 1975.

Foram ainda projectados diversos seminários e alteradas as quotizações a partir do exercício de 1975/76.



12 — CINQUENTENÁRIO DO C. N. E. E SUA ACTUALIDADE

por AMÉRICO F. ALVES, 14 págs.

O actual C. N. E., nascido sob o nome, usado bastantes anos, de C. N. S. (*Corpo Nacional de Scouts*), comemorou o ano passado os seus 50 anos, período de tempo bastante longo na vida de qualquer associação de escoteiros. E foi no intuito de recordar as vicissitudes por que passou o CNS/CNE, que o Autor publicou o opúsculo cujo nome encabeça esta nótula, sobre o qual me debrucei com curiosidade.

Antes de mais devo esclarecer as razões da minha curiosidade, porque, escoteiro velho e velho escoteiro, jamais tendo militado nas fileiras do CNS/CNE, tive conhecimento muito particular de certos factos ocorridos no seu seio e nos quais interveio um antigo E. C. da A. E. P., há anos falecido, que se arrogava o papel de fundador do CNS, ao qual se dedicara no intervalo de uma suspensão de funções que lhe fora aplicada pela A. E. P. por actos menos correctos.

Seja como for, ao tempo em que surgiu o CNS, apadrinhado pelo então Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos, existiam em Portugal duas associações de *boy scouts*: a A. E. P., fundada em Lisboa em 1912, e a U. A. P. (União dos Adueiros de Portugal), criada no Porto pelo então alferes Artur Carlos de Barros Basto, em 1913, salvo erro. Ambas as associações se diziam praticantes do *Scouting* de B.-P., adaptado ao nosso país, embora os membros activos da U. A. P. estivessem eivados de certo espírito militarista, a que os franceses chamam *esprit pompier*, pelo gosto pronunciado pelas marchas, desfiles e paradas ao som de cornetas e tambores.

Como nos estatutos das duas associações de *Scouts* estava consignada a tolerância em matéria religiosa (o que nesse tempo tinha certo significado), não se podia dizer que qualquer católico, protestante, muçulmano ou hebreu estivesse impedido de fazer parte de uma delas e, mais ainda, de se constituírem grupos confessionais, como se verificou entre os da A. E. P., de que o célebre «Grupo Um» era confessadamente evangélico.

Nestas circunstâncias parece-me, como pareceu ao tempo a muitas pessoas ligadas quer à A. E. P., quer à U. A. P., não haver então necessidade nem vantagem de nova associação *scout* designadamente católica, a despeito de em França existirem os *Éclaireurs Unionistes* (evangélicos) e os *Scouts de France* (católicos).

Em Portugal, dado o número reduzido de jovens interessados pelo Escotismo, a criação de uma associação confessional só poderia contribuir, como contribuiu, para tornar ainda mais escasso esse número, facto agravado pela má vontade que desde o primeiro dia se revelou entre os membros das três associações, e, ainda, pela má vontade de certo público que não via com bons olhos uma nova associação confessional quando não morrera de todo a atmosfera anticlerical nascida nos fins do século passado.

De resto, tanto quanto me é possível recordar, tantos anos passados sobre os factos aqui evocados, creio que só em tempos relativamente próximos é que no CNS/CNE se enveredou pelo caminho da prática inteligente do Escotismo, seguindo os preceitos de B.-P., porquanto durante anos os *Scouts*/Escutas só se tornavam visíveis em manifestações religiosas, particularmente em procissões e peregrinações.

Lá chegou o dia fatal em que, um Ministro de vistas curtas, numa situação política reaccionariamente nacionalista, pretendeu dar o golpe de morte no Escotismo português, acusado de ter ligações com o estrangeiro (!), criando a Mocidade Portuguesa, moldada nos movimentos juvenis fascista e nazista, tornando obrigatória a inscrição de todos os jovens até aos 16 anos, o que, evidentemente, pôs muitíssimos jovens perante um problema de consciência: obedecer à Promessa feita perante os seus Chefes, incorrendo nos castigos que as leis impunham aos que se recusassem à inscrição, ou abandonar o Escotismo, cuja prática se tornava impossível por incompatibilidade de tempos.

Mais ainda: um antigo escoteiro, alçado a Comissário Nacional da M. P., completou essa obra destrutiva, sem remorsos, promulgando umas instruções em grande parte decalcadas sobre a organização da A. E. P.!...

A U. A. P., já em extrema decadência após o falecimento do fundador, sumiu-se de uma vez para sempre. Só a A. E. P. e o C. N. E. conseguiram resistir, heroicamente, honra lhes seja, à tormenta, e puderam comemorar os respectivos cinquentenários, aquela em 1963, ainda sob o regime repressivo, este no ano passado do qual é testemunho entusiasta o opúsculo de Américo F. Alves.

E digo entusiasta, porque, ao que se depreende da leitura, trata-se de alguém que vive intensamente o Escotismo, embora, ao que pendo a crer, o espírito do chamado Escotismo católico se tenha revelado muito mais confessional do que propriamente escotista, como pode verificar quem contacte qualquer «escuta» ou, mais ainda, com o órgão da associação — *Flor-de-Lis*.

Sim: «a fibra escutista (*sic*), não há nada que se lhe compare: vem de dentro e tempera-se no esforço pessoal de iniciativas e realizações que geram a persistência e modelam o carácter» (pág. 5). Estas são as palavras que expressam uma verdade insofismável, mas que, infelizmente, os nossos jovens — então hoje! — não parecem dispostos a aceitar, sobretudo por falta de Chefes idóneos, não daqueles que costumam aparecer flamantes no seu uniforme, mas daqueles — tão raros! — que o são espontaneamente porque possuem aquele conjunto de qualidades que deles fazem naturalmente verdadeiros *leaders* que os moços seguem também espontaneamente porque sabem que neles têm um guia.

E não se esqueça que por muito individualista que um jovem seja (ou se creia tal), sempre gosta de sentir alguém em quem possa confiar e o oriente nas dúvidas, que tantas vezes sente em presença das dificuldades.

Mas, entendamo-nos, não é de crer, nem eu o creio, que qualquer movimento escotista deva ter finalidade de apostolado como escreve o Autor (pág. 6), porque, embora B.-P. tenha escrito que não é de admitir Escotismo sem base religiosa, a verdade é que não o criou para servir de auxiliar do Clero como associação de apostolado. Lendo este trabalho, em que a cada passo surge a nota nitidamente confessional, fica-se com a impressão de que o Autor não considera a existência de outras associações de Escoteiros, o que me parece insólito, até a avaliar pelas palavras iniciais, verdadeiramente hiperbólicas. «Quando, em 1923, se puseram pela primeira vez nas ruas de Braga os soldadinhos de calção, chapéu largo e grande vara branca, marcava-se o primeiro passo num desfile de epopeia» (pág. 3). Lêem os leigos estas palavras e ficam a pensar que há 50 anos não existia Escotismo em Portugal: uma palavra, ao menos de cortesia, para com as duas associações já existentes havia anos, parece-me que poderiam ali caber, até porque, como prescreve a Lei, «o Escoteiro é cortês». E não falemos no termo «soldadinhos» aplicado aos jovens «de calção, chapéu largo e grande vara branca», porque isso é que eles, *como Escoteiros*, não são nem nunca foram.

De resto estes deslizes desculpam-se num trabalho concebido na euforia do cinquentenário, vivido por quem se revela grande entusiasta do Escutismo, perdão! Escotismo.

Et sans rancune, que não pode albergar-se no coração de um Escoteiro.

O RATO SÁBIO

O Presidente da Direcção da A. E. P. visitou o Parque de Escotismo

No passado dia 11 de Agosto, o Dr. Fausto Salazar Leite, acompanhado por alguns dos membros da Direcção da AEP, visitou demoradamente o Parque de Escotismo da Caparica.

Durante essa visita, o presidente da nossa Associação conversou com alguns chefes escoteiros em actividade no campo.

Saudações a «SEMPRE PRONTO»

O Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal esteve acampado em Velas, na ilha de S. Jorge, nos Açores, em Agosto passado e o seu dedicado Chefe, o nosso amigo e colaborador sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, mandou-nos, em seu nome e de todos os escoteiros, uma simpática mensagem de *fraternais saudações*.

Agradecemos.

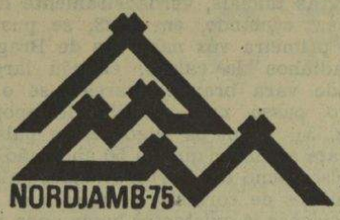
LV Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do centenário de Damião de Góis.

Homem grande, em qualquer parte,
amigo e cultor da Arte,
achou honra em outros sóis;
mas a Pátria, em noite escura,
deu morte cruel e dura
ao nosso Damião de Góis.

Foi sequaz da Reforma?
Aderente ao Humanismo?
Haja a verdade por norma
com suas honestas regras:
ao arquivo tive acesso
e vi bem as tarjas negras,
aviltando o seu processo.

EDUARDO MOREIRA



O Escotismo Português estará ausente do Jambori da Escandinávia?

Os nossos estimados leitores já têm conhecimento da realização, no próximo ano, na Noruega, de mais um jambori mundial dos Escoteiros. Também ninguém ignora que estes encontros constituem a maior reunião mundial da juventude livre, já que as associações escoteiras não têm compromissos políticos nem dependem das organizações governamentais. As delegações presentes num Jambori afirmam a sua nacionalidade e proclamam a sua adesão aos sentimentos de fraternidade que unem os Escoteiros de todos os países, raças, religiões e pensamento.

Projectava-se a presença na Noruega de uma expressiva representação do Escotismo Português. Consta-nos, porém, que essa possibilidade está comprometida, porquanto, as associações não terão o auxílio com que contavam para promover a sua presença e os prazos de inscrição estão a ser ultrapassados.

Se em qualquer altura seria lamentável a ausência de Portugal ao lado das outras nações livres do mundo, depois do «25 de Abril» essa ausência será profundamente deplorável. A mocidade escoteira portuguesa seria ali recebida com manifestações de regozijo e, uma vez mais, teria oportunidade de afirmar o nome de Portugal. Que a bandeira portuguesa não suba desta vez no respectivo mastro entre as outras nações será lacuna irreparável.

«Sempre Pronto» declara-se inconformado com tal decisão e lança daqui veemente apelo a todos que possam contribuir para remover as dificuldades existentes. No momento que a nossa Pátria vive, a juventude escoteira portuguesa não poderá estar ausente do maior encontro mundial da mocidade.

Perspectiva geral dos países nórdicos

No momento em que um Escoteiro pensa em escolher o país para a sua visita de hospitalidade é muito natural que faça a seguinte pergunta: Como é o clima? E como é a natureza e a paisagem dos diferentes países nórdicos? E como é o seu povo, a maneira de viver, as suas ocupações, os seus divertimentos, a sua linguagem?

Todos os cinco países do Norte: Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia são nações independentes. Finlândia e Islândia são repúblicas e os outros monarquias. Todos os países são governados por tradicionais democracias ocidentais. Todos têm uma ordem social e maneira de viver muito semelhantes. O nível de vida e o bem-estar das populações é muito alto, todos os cinco países têm o mais alto desenvolvimento industrial.

Nenhum dos países nórdicos é significativamente mais rico ou mais desenvolvido do que outro. Em qualquer caso não é assunto que possa influir directamente na escolha do país para a visita de hospitalidade doméstica. Por toda a parte encontrarão gente que se governa muito bem e que procura executar as suas tarefas diligentemente.

Também a natureza dos países nórdicos é muito semelhante. Em Agosto, o Verão nórdico domina. Haverá dias bem quentes, noites frias mas não geladas. Num dia haverá belo tempo e depois, usualmente, choverá durante dois dias. Naturalmente, o Escoteiro verificará que muitas coisas diferem. A Dinamarca tem uma população rural muito densa com muitas cidades e pequenos bosques. O sul da Suécia e da Noruega é também de terras baixas e populosas com cidades e áreas povoadas. Isto é também correcto a respeito de parte do Sul da Finlândia. Mas as partes nórdicas da Escandinávia e Islândia são áridas, áreas escassamente povoadas com bosques e montanhas. As cidades aqui são pequenas e distanciadas. No extremo Norte, sobre a costa do Mar Polar, pode ver-se neve ainda em Agosto, mas o mar nunca gela em consequência da corrente do Golfo (Gulf Stream). A corrente quente do Golfo é um fenómeno natural que torna possível a agricultura no círculo árctico do norte.

Em todos os países nórdicos são falados idiomas diferentes. As línguas finlandesa e islândica são muito estranhas e difíceis para um estrangeiro. As línguas sueca, norueguesa e dinamarquesa são incluídas no grupo germânico, mas uma pessoa que fale, por exemplo, inglês não será capaz de compreender aquelas linguagens. As dificuldades com a linguagem podem causar pequenas perturbações nas visitas de hospitalidade doméstica, mas não constituem problema. Em todos os países nórdicos, o inglês é falado e compreendido. Muitas pessoas também se desembaraçam com o alemão. Portanto todas as pessoas que falam e entendem estas línguas têm uma maneira fácil de se fazerem compreender.

Aqueles que visitarem a Dinamarca, tomarão contacto com centros de vida de um próspero país.

Os que visitarem a Finlândia, verão um país com densas florestas e milhares de lagos.

Os que escolherem a Islândia, irão para uma ilha vulcânica mas coberta de neve em pleno Atlântico. A pesca é a principal ocupação.

A Noruega é também famosa pela sua pesca, mas muitos terão também ouvido falar dos seus longos fiordes e montanhas.

A Suécia é um fértil, próspero e saudável país industrial. O centro dos países nórdicos é o maior e o mais populoso

O Grupo 2 visitou a Inglaterra

Conforme *Sempre Pronto* noticiou, o 2.° Grupo visitou a Inglaterra de 1 a 11 de Agosto p. p., a convite do 1.° Grupo de Heathfield, tendo participado num acampamento em que estiveram também presentes escoteiros da Dinamarca, França, Suécia, Áustria, Alemanha, Holanda e, evidentemente, da Inglaterra.

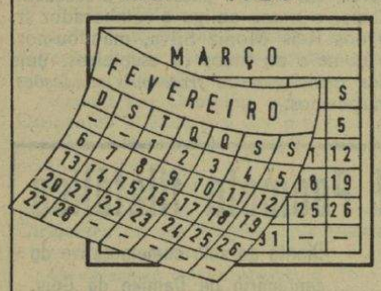
O contingente do Grupo 2 compunha-se de 25 escoteiros de todas as secções e ainda de 5 dirigentes.

O Acampamento foi integrado nas comemorações do Centenário da Aliança Luso-Britânica.

Os escoteiros portugueses cozinharam um almoço especial para comemorar o Dia de Portugal, constando aquela refeição de bacalhau à Brás, caldo verde à minhota e arroz doce, tendo sido numerosas as individualidades escoteiras convidadas para tomar parte naquela refeição.

O acampamento realizou-se em Heathfield Park, no Sussex.

DE MÊS PARA MÊS



QUEM NÃO APARECE...



Os Escoteiros de Olhão e Angra do Heroísmo participaram activamente nas comemorações do Dia Mundial da Criança. E fizeram bem, porque tal celebração se ajusta perfeitamente aos objectivos do Movimento. Seria de lamentar se este Dia não tivesse registado a presença dos Escoteiros, pois o Movimento tem o dever de apoiar todas as iniciativas que visem despertar o interesse pelos problemas sociais que afectam a criança.

A demissão dos Escoteiros de actividades e comemorações que, como esta, se insiram no processo educativo que prosseguimos, só poderá conduzir à sua ignorância, porque, como diz o povo, quem não aparece esquece.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00